

João e o pé de feijão

João e a mãe eram muito pobres. Um dia a mãe do João mandou-o ao mercado vender a única vaca que possuíam. No caminho, João encontrou um homem que o fez parar e lhe disse:

– Essa vaca é para vender?

– É, sim – respondeu João.

– Então, dou-te cinco feijões por ela – disse o homem.

– Não me parece que seja um preço justo por uma vaca – disse o João.

– Mas estes não são uns feijões quaisquer – disse o homem – são feijões mágicos.

– Sendo assim, fico com eles e pode levar a vaca – disse João.

Quando chegou a casa, João mostrou os feijões à mãe. Ela ficou tão zangada que os arrancou da mão de João e atirou-os pela janela fora. Nem sequer ligou quando João lhe disse que os feijões eram mágicos.

– Isso é coisa que não existe... feijões mágicos! – disse ela, e mandou-o para a cama sem jantar. Como estava enganada! Os feijões germinaram durante a noite e cresceram, cresceram, CRESCERAM.

Na manhã seguinte, havia um ENORME pé de feijão a crescer perto da janela.

– Vou ver o que há lá em cima! - disse o João; e começou a trepar.

– Tem cuidado! - gritou a mãe.

João trepou, trepou cada vez mais alto até que, por fim, chegou a um mundo acima das nuvens. Bateu à primeira porta que encontrou e a mulher dum gigante veio abrir. Convidou João a entrar e a tomar o pequeno-almoço. João estava mesmo a acabar de comer quando ouviu o som de uns passos pesados e uma voz a gritar muito alto:

– UM, DOIS, TRÊS, CHEIRA-ME A SANGUE DE HOMEM INGLÊS!

– Depressa! Depressa! – disse a mulher.

– É o meu marido, o gigante. Ele come rapazinhos como tu ao pequeno-almoço. Depressa! Depressa! Esconde-te no forno. E o João assim fez. ELE não queria ser comido.

O gigante tinha a certeza de sentir o cheiro de rapaz, mas não o conseguiu encontrar. Teve de se contentar com as papas de aveia ao pequeno-almoço. Quando

esvaziou o prato, o gigante chamou a sua galinha. João, que estava a espreitar do forno, viu tudo o que se passou.

– Põe um ovo, galinha! – ordenou o gigante. E, logo a seguir, a galinha pôs um lindo ovo de ouro.

– A mãe havia de gostar de ter uma galinha assim – pensou João.

João esperou que o gigante adormecesse e então saiu silenciosamente do esconderijo. Pegou na galinha e escondeu-a dentro da camisa.

– Vais comigo para casa – disse ele. Correu para fora da casa sem acordar o gigante e deixou-se deslizar pelo pé de feijão abaixo.

– Veja o que lhe trago! – gritou João quando viu a mãe a vir ao seu encontro.

Na manhã seguinte, João tornou a subir pelo pé de feijão e voltou a casa do gigante.

– UM, DOIS, TRÊS! – rugiu o gigante.

– CHEIRA-ME A SANGUE DE HOMEM INGLÊS!

Desta vez, João escondeu-se numa gaveta, e o gigante teve de se contentar novamente com as papas de aveia, o que o irritou muito. Quando acabou de comer, o gigante mandou buscar a sua harpa.

– Toca, harpa – ordenou. E a harpa tocou sem que o gigante lhe tivesse tocado nas cordas uma só vez.

– A mãe havia de gostar de ter uma harpa que tocasse sozinha – pensou o João.

Por fim, o gigante adormeceu e João saiu silenciosamente do esconderijo. Estendeu a mão para pegar na harpa, mas, mal lhe tocou, ela começou a chamar muito alto:

– Meu amo! Meu amo! Acordai!

João enfiou rapidamente a harpa dentro da camisa para lhe abafar a voz, mas era tarde de mais. O gigante saltou da cadeira com um rugido.

– UM, DOIS, TRÊS! – gritou ele. – EU SABIA QUE SENTIA O CHEIRO DE UM INGLÊS!

João escapuliu-se pelo meio dos dedos do gigante e desatou a correr em direcção ao cimo do pé de feijão, tão depressa quanto as pernas lhe permitiam.

– UM, DOIS, TRÊS! – gritava o gigante. Estava furioso.

– UM, DOIS, TRÊS! À medida que João descia pelo pé de feijão, sentia-o a abanar e tremer. Sentia o bafo do gigante soprar-lhe no pescoço como um vento quente e devastador.

– UM, DOIS, TRÊS!

A mãe do João ouviu toda aquela barulheira e veio a correr. Quando viu o gigante, ficou muito assustada.

– Depressa! Depressa! Dê-me o machado! – gritou João já muito próximo do chão. Não havia tempo a perder. Tomou o machado das mãos da mãe e de um só golpe cortou o pé de feijão. Este caiu ao chão com grande estrondo e fez um buraco tão grande, que nem o pé de feijão nem o gigante voltaram a ser vistos à luz do dia.

Quanto a João e à mãe, foram muito felizes daí em diante. E, com uma galinha a pôr ovos de ouro e uma harpa a tocar sozinha, nunca mais foram pobres.

Lucy Kincaid (adap. original de Joseph Jacobs) (2001). *As mais belas histórias para crianças*. Lisboa: Edições ASA.